

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)
e outras arquiteturas

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia

Ana Elisabete Medeiros

Paola Ferrari

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

e outras arquiteturas

EDITORA



UnB

Coordenação de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964 Projeto, ensino e espaço universitário [recursos eletrônico] : o Instituto Central de Ciências (ICC - UnB) e outras arquiteturas / organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2023.
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II. Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari, Paola (org.).

CDU 727:378.4

Sumário

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliani Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279



Apresentação

O Instituto Central de Ciências - ICC, conhecido por *Minhocão*, configura a principal edificação do Campus Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília. Seus 712 m lineares acompanham a topografia e articulam paisagisticamente o espaço universitário da UnB.¹ Localizado na porção leste da Asa Norte com vistas para o Lago Paranoá, a megaestrutura horizontal conecta a parte sul e norte do campus universitário, e seus pátios internos ajardinados configuram os percursos cotidianos da vida universitária. Definitivamente, a arquitetura do ICC revela, representa e configura identidades aos espaços de pesquisa, ensino e extensão.

O projeto do ICC, partido desenvolvido por Oscar Niemeyer em 1963, integrou os cinco institutos de ciências – Matemática, Física, Química, Biologia e Geociências, antes dispostos separadamente no partido urbanístico de Lucio Costa em 1962. Este partido integrado em três seções, uma central arqueada e duas seções lineares compondo a simetria do projeto, fez com que o eixo longitudinal de circulação se transformasse em uma verdadeira rua pedonal onde transitam estudantes, professores e toda a comunidade universitária, locus de permanências e percursos cotidianos, de aulas abertas e manifestações estudantis.

¹ Consideramos aqui a medida de 712m a dimensão de comprimento da edificação, de acordo com o dimensionamento do eixo longitudinal aferido in loco pela equipe da Profª. Paola Ferrari.

A megaestrutura marcada pelo ritmo de pilares e vigas protendidas pré-fabricadas inovou o espaço universitário ao compor novas espacialidades. No projeto desenvolvido no Centro de Planejamento (CEPLAN), do qual fazia parte da equipe o então jovem arquiteto João Filgueiras Lima (o Lelé), o partido linear tem por concepção os pilares dispostos simetricamente ao longo do eixo de circulação. Dois blocos paralelos ao longo do eixo longitudinal desmentem a simulada simetria do corte transversal, que formam uma alameda linear. De um lado, o bloco leste com os espaços de laboratório e ateliers, e de outro, o bloco oeste com salas de professores e auditórios, projetados para funcionarem de forma complementar. Porém, a ocupação paulatina da edificação ainda inacabada fez com que os Institutos antecipadamente se apropriassem de partes concluídas da construção mesmo antes de sua inauguração. Cada unidade ocupou um dos blocos leste ou oeste e não de forma transversal e integrada como planejado inicialmente.

O ICC mostra a ambivalência entre a espacialidade projetada marcada pela modulação, flexibilidade e permeabilidade na concepção, e os espaços improvisados e subterrâneos de uma alteridade que subverte o caráter racionalista da construção. No decorrer das décadas, a megaestrutura foi subvertida pela paisagem cotidiana de seus jardins internos. Novas configurações, a relação com a paisagem e o papel do ICC como articulador do território universitário são algumas das questões tratadas nesta publicação, estruturada em duas partes.

A PARTE 1 - Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil se inicia com **DA GÊNESE E A MAGNITUDE DA PRAÇA** onde Matheus Gorovitz e Maria Cláudia Candeia relembram a vocação da arquitetura para dar forma aos espaços de cidadania, na conciliação entre os interesses público e privado, elegendo a Praça Maior do campus como objeto de análise. Mas, para chegar à Praça, os autores iniciam o percurso do estudo compositivo do espaço cidadão pela neolítica *Çatalhuyuk*, depois por Ur, passando pela grega Priene, por Roma e pelas cidades gótica, renascentista, barroca e neoclássica. Quando chegam à modernidade da cidade universitária, ao campus da UnB, Gorovitz e Candeia propõem a contraposição entre as propostas de Lucio Costa e Oscar Niemeyer para a Praça, por meio da observância da modenatura, da comodulação, da proporção e da axialidade. É então que no texto surge o ICC, edifício monobloco que pelo ajuste à simetria e acomodação aos eixos de circulação seria o ponto de costura na tessitura da Praça Maior projetada por Niemeyer que, entretanto, devido à localização e topografia, não se realiza em sua plenitude.

Sem mencionar o ICC, Guilherme Lassance, em GRELHA MODULAR NA ILHA ARTIFICIAL: O PROJETO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA NO RIO DE JANEIRO E O ENSINO DE ARQUITETURA a ele se refere, indiretamente, ao sugerir ao leitor a possibilidade de estabelecer um diálogo a partir da análise do projeto da cidade universitária do Rio de Janeiro, na ilha do Fundão. Lassance explica a arquitetura e o urbanismo universitários como realização tanto do projeto de identidade nacional quanto do mito da “forma segue a função” ou da “tábula rasa” modernistas. Por meio da antiga FNA – Faculdade Nacional de Arquitetura, hoje UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, o autor desvela a intenção projetual do campus como analogia e ilustração da cidade modernista setorizada na justaposição e copresença de faculdades, ainda distante da ideia de uma instituição una, conceitualmente indivisível e integrada já buscada na concepção da UnB e do ICC. Também chama a atenção para a intrínseca e histórica relação entre as pautas projetual e pedagógica na instrumentalização do fazer arquitetônico como objeto de poder político e como, no caso do modernismo, essa pauta se reforça na recusa do movimento em se reconhecer como estilo e se afirmar como resultado de um processo racional e isento. Para o autor, essa postura da arquitetura moderna seria a responsável pela instauração de um modelo de ensino acrítico que suspendeu o conceito, em si, de pauta projetual.

Fernando Diniz, em O CAMPUS JOAQUIM AMAZONAS DA UFPE: CRIAÇÃO, CONSOLIDAÇÃO, DESAFIOS ATUAIS E PERSPECTIVAS discorre sobre a riqueza da criação do arquiteto Mario Russo influenciada tanto pelas experiências norte-americanas, como pelas realizações então em curso no Rio de Janeiro, São Paulo e em outras cidades latino-americanas. Depois, traz à tona a consolidação do campus por meio da instalação da infraestrutura e da construção dos primeiros edifícios de uma modernidade em desenvolvimento. Discute, então, os desafios atuais destacando a necessidade de adaptação do campus frente às novas demandas por gerenciamento, manutenção/conservação e acessibilidade dos espaços existentes, edifícios ou não, além da promoção de uma tessitura com o entorno. Sobre perspectivas futuras, o texto evoca os valores culturais, sociais e estéticos do campus e destaca também o seu valor documental, testemunha de experimentação de formas inusitadas de pensar o espaço e de novas técnicas de construção em obras públicas em Pernambuco. Enfim, Diniz atesta o campus como exemplo significativo da arquitetura e urbanismo modernos brasileiros a ser preservado.

Tendo por fio condutor a reconstituição histórica dos cursos de arquitetura, desde o IBA – Instituto de Belas Artes e a FE – Faculdade de Engenharia até a fusão na FA/UFRGS – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o artigo de Sérgio Marques – A FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRGS, O ENSINO E A ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA NO SUL (1940/1960) – permite o entendimento do momento coincidente em que se estabelece a tessitura entre estruturação do ensino de arquitetura, da profissão de arquiteto e da própria arquitetura moderna no Rio Grande do Sul. O texto revela o lugar, nessa trama, do edifício que abriga a FA, hoje, chamando a atenção para a sua importância além da dimensão histórica, de representatividade formal e estética da Arquitetura Moderna do Sul, de caráter próprio e próximo dos países platinos. Marques fala da inserção, a partir do limiar do século XXI, da velha escola no contexto das preocupações da prática preservacionista. A fala do autor, embora de forma indireta, uma vez que não se aproxima de Brasília ou da UnB em nenhum momento, convida a um olhar mais cuidadoso sobre o ICC, cujo reconhecimento da significância cultural ainda permanece restrito a um círculo de intelectuais e professores.

O ICC volta à tona no artigo de Carlos Maciel onde, juntamente com o projeto de Candilis, Josic e Woods para Berlim, é apresentado como fonte de inspiração para o campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Em DA MEGAESTRUTURA À ESTRUTURA MÍNIMA: O SISTEMA BÁSICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Carlos Alberto Maciel coloca o ICC e o projeto de Berlim como representantes da polarização entre estrutura mínima e megaestrutura na busca do projeto da UFMG pelo ideal de uma infraestrutura mutável capaz de se adaptar à imprevisibilidade da Academia. O texto contextualiza a implantação dos edifícios que constituem o sistema de grelhas do campus Pampulha entre os anos de 1969 e 1995 de forma cronológica, destacando a concepção a partir de requisitos que vão além do programa de necessidades para considerar, antes, questões como a articulação territorial, os diferentes níveis de privacidade ou o sistema ambiental. Define, portanto, um percurso que vai da megaestrutura à mínima e que permanece como uma presença a lembrar alternativas à produção da arquitetura brasileira contemporânea.

A **PARTE 2 – O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência** se inicia com o texto de Andrey Schlee intitulado O INSTITUTO DE NIEMEYER, que introduz questões de projeto, história e crítica

discutidas ao longo desta segunda parte. Schlee explicita sua história, suas obras arquitetônicas e arquitetos, discute referências críticas e documentais sobre a concepção e construção da Universidade de Brasília. Refere-se ao Instituto Central de Ciências, o ICC, como um magnífico exemplar de nova tipologia edilícia, Instituto-Rua que dá forma e reconfigura a paisagem projetada e construída do Campus Darcy Ribeiro. Finaliza discorrendo sobre a invisibilidade da obra na historiografia e o abandono na gestão de seus espaços, mas que o ICC, *o Minhocão*, permanece como obra com ‘vocação urbana e humana’, única, exemplar e resistente.

O texto de Cláudio Arantes, PLANOS E PROJETOS do INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS, 1963/2013, alicerçado em arquivos do CEPLAN – Centro de Planejamento Oscar Niemeyer, explica o ICC a partir da sua concepção primeira e processos de ocupação, tanto o histórico quanto o previsto por três outros planos datados de 1974, 1980 e 1990. Arantes também apresenta problemas gerais e específicos enfrentados, hoje, pelo edifício, tais como o conforto ambiental, a infraestrutura, o abastecimento de água e a rede lógica, e aponta algumas soluções propostas de reordenamento.

A COMPLEXIDADE DA SÍNTESE, capítulo assinado por  lcio Gomes, Juliano Vasconcelos e José Manoel Sánchez traz contribuição importante ao desvendar o papel do edifício no percurso de síntese da arquitetura, na busca pela expressão compositiva por meio de elementos estruturais, em um momento de construção de Brasília, onde os recursos de canteiro eram limitados e o tempo de execução das obras, mínimo. Os autores mostram que se os Palácios materializam o primeiro momento da síntese da caracterização da arquitetura pelas estruturas em concreto, o segundo momento procura essa síntese em elementos pré-fabricados. Nesse sentido, para Silva, Vasconcelos e Sánchez, se os primeiros edifícios da UnB, cujos projetos refletem o desejo de elaborar uma arquitetura para a técnica de pr -fabrica o e não o contrário, consolidam esse momento – iniciado com a Plataforma Rodoviária e o Teatro Nacional – nos edifícios de serviç os gerais – SGs e na Colina Velha, o ICC representa o alcance mais ambicioso, o ápice da síntese projetual em curso. Entre síntese e complexidade, o artigo apresenta, ainda, o processo de planejamento, construção, montagem, finalização e ocupação do edifício e o afirma como o ponto inicial de toda a produção posterior de Lel  no contexto da síntese projetual com vistas à pr -fabrica o total de edifícios.

A partir de referências originais sobre o edifício e análises ambientais, o capítulo PROJETO E QUESTÕES AMBIENTAIS: PERCORRENDO O

INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS de Cláudia Amorim, Caio Silva e Guilherme Sales investiga as estratégias e intenções projetuais do ICC em seus aspectos em nível macro (implantação, forma, envoltória, materiais e ocupação/zonamento do edifício) como também no que se refere ao paisagismo ou ao potencial de autonomia energética do edifício. Os autores ressaltam que o partido arquitetônico contemplou plenamente as questões ambientais do sítio, mas muitos detalhes construtivos deixaram de ser desenvolvidos e implementados em função de limitações orçamentárias, técnicas e de prazo, ocasionando desta forma, parte dos problemas ambientais atuais do ICC, posteriormente agravados pela ocupação desordenada e falta de manutenção da edificação. Concluem, ainda e diante do grande potencial de uso da cobertura para produção energética, que ter o ICC, edifício mais icônico da UnB, com autonomia energética representaria um marco simbólico de peso no contexto das preocupações ambientais.

Coube a Reinaldo Machado, em O ICC COMO ESPAÇO MUSEOLÓGICO, apresentar as relações da UnB com o programa museológico. Da concepção da Praça Maior de 1962, para a qual estavam previstos três museus (da Civilização, da Ciência e das Artes), aos dias atuais, Machado discorre sobre o campus como espaço museológico. Obras de arte espalhadas no campus ou os museus associados à UnB são apresentados. Dentre esses, aqueles instalados dentro do ICC, ele próprio, o edifício, apresentado pelo autor como objeto “artístico” de interesse que integra roteiros turísticos voltados, sobretudo, para estudantes ou arquitetos e urbanistas.

O ICC como BERÇÁRIO DE INOVAÇÃO E INTEGRAÇÃO DE SABERES, de autoria de Frederico Flósculo, encerra o conjunto de textos aqui reunidos. Autor do Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro, de 1998, Frederico Flósculo toma de empréstimo ao trabalho de expansão da UnB previsto pelo reitor Lauro Morhy o conceito de berçário como metáfora para se entender o significado do ICC. Da ideia original de universidade integradora da UnB de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, da qual decorre o projeto do ICC como espaço central de convívio e berçário das ciências e das artes, o artigo conduz o leitor à percepção da perda de força desse edifício aglutinador pela presença, imposta ao longo do tempo, de seus contrários: construções isoladas e de pouca expressividade arquitetônica à sua volta definindo espacialidades desconexas e dispersas. A partir de ideias defendidas no Plano Diretor de 1998, o texto traz um importante alerta: o ICC não deve ser considerado como uma obra estanque no passado, para o qual o presente se deve voltar de forma

respeitosa e venerável; o ICC, como uma metáfora atual para a própria UnB, deve ser tido como eixo principal de estruturação, sobretudo dos percursos de pedestres em um campus que exige o entendimento não como um vazio a ser aleatoriamente preenchido e, sim, como uma forma sistêmica.

À guisa de conclusão Paola Ferrari, em *O INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: PEDAGOGIA E MEGAESTRUTURA*, inspirada no conjunto de textos que constituem o corpo do livro, em que se sobressaem as tessituras entre projeto, ensino e universidade, apresenta as considerações finais. Para tanto, parte da afirmação de que “a universidade é um organismo vivo”, entendida como síntese para a articulação entre pedagogia e espaço universitário já tratada, de certa forma, por Guilherme Lassance e Sérgio Marques. A autora prossegue, então, trazendo à tona, dentre as diferentes dimensões universitárias, aquela arquitetônica e urbanística, desde o modelo de campus, instituído em território norte-americano no século XIX com extenso vazio central em composição clássica axial. Dialoga, assim, com Fernando Diniz e Matheus Gorovitz e Maria Cláudia Candeia ao ressaltar a vocação da arquitetura para dar forma à arquitetura moderna, à pedagogia e aos espaços de cidadania. O texto estabelece pontes com Carlos Maciel, fazendo ver a emergência, nos anos 1960, de uma nova concepção espacial decorrente da universidade que, viva, permanece exigindo novas articulações entre pedagogia e arquitetura: o big building ou megaestrutura, cujas origens se encontram na década de cinquenta em iniciativas do Team 10, do Archigram ou do holandês Jaap Bakema. A narrativa prossegue e se refere, ao mesmo tempo que conduz, ao ICC. Segundo Paola Ferrari, caso paradigmático e objeto de reflexão de Andrey Schlee, Cláudio Arantes, Elcio Gomes, José Sánchez, Juliano Vasconcelos, Cláudia Amorim, Caio Silva, Guilherme Sales, Reinaldo Machado e Frederico Flósculo, o Instituto Central de Ciências, a despeito das crises hegemônica, transdisciplinar e de legitimidade às quais nos remete, continua respondendo à necessidade de especializar o ensino, a pesquisa e a extensão em meio ao processo permanente de mudança própria à vida universitária.

O ICC, para além de seu projeto inovador e materialidade marcante, fez com que suas espacialidades integradas e percursos de convívios e permeabilidades singulares incitassem reflexões e inquietações sobre o que é o espaço de ensino, pesquisa e extensão diante de tantas mudanças e desafios sempre presentes no contexto universitário. Discutir a universidade a partir do ICC significa tratar de arquitetura e urbanismo, de

técnica, de pré-fabricação, de inovação, de experimentação, de pesquisa, de João Filgueiras Lima (o Lelé), de Lucio Costa, de modernismo, modernidade e modernização, de Darcy Ribeiro, de Anísio Teixeira, de Educação, de Pedagogia, de integração, de incompletude, de História, de Arte, de política, de Brasília, de Brasil. E é sobre esse conjunto de temas, articulados por narrativas de outros projetos e espaços universitários, que versam os textos aqui reunidos.



Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

Crédito das figuras

ACERVOS:

CEPLAN

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

Arquivo Público do Distrito Federal

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

Arquivo Central da Universidade de Brasília

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Wikimedia Commons

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Acervo pessoal de Matheus Gorovitz

Capítulo 1: 28

Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

Acervo UFPE

Capítulo 3: 2, 4

IPHAN – PE

Capítulo 3: 3

Plano Diretor Físico – UFPE

Capítulo 3: 5, 10

Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE

Capítulo 3: 6, 7

Acervo FAM/PROPAR/UFRGS

Capítulo 4: 1, 2, 3, 5a, 5b, 12, 13, 14, 15, 8b

Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS

Capítulo 4: 4, 6, 7, 8a, 9, 10, 11

Acervo PVC/FA/UFRGS

Capítulo 4: 16

Acervo UFMG

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

Prefeitura do Campus

Capítulo 9: 9

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB

Capítulo 11: 1, 2

Google Earth

Capítulo 11: 3

FOTOGRAFIA:

Randal Andrade

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Paulo Honorato (ilustração)

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

Maria Cláudia Candeia de Souza

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

Diogo Barretto

Capítulo 3: 8

Lucas Jordano

Capítulo 3: 9

Irineu Breitman

Capítulo 4: 3

Sérgio M. Marques

Capítulo 4: 8b

Carlos Alberto Batista Maciel

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

Junia Mortimer

Capítulo 5: 12

Paola Ferrari

ICC: 1, 2, 3

Elcio Gomes da Silva

Capítulo 8: 1

Juliano Caldas de Vasconcellos

Capítulo 8: 12

Cláudia Amorim

Capítulo 9: 4, 5, 6

Caio Silva

Capítulo 9: 7

Nayanna Nobre

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < <https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES->

[-09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:

Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:

Programa Sol-Ar
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas

CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:

Luciana Saboia Fonseca Cruz

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

Paola Caliarì Ferrari Martins

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:

Matheus Gorovitz

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado (1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

Maria Cláudia Candeia de Souza

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

Fernando Diniz Moreira

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

Sérgio Moacir Marques

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

Carlos Alberto Batista Maciel

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

Andrey Rosenthal Schlee

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudio Oliveira Arantes

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

Elcio Gomes da Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função

de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Juliano Caldas de Vasconcellos

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

José Manoel Morales Sánchez

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

Cláudia Naves David Amorim

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

Caio Frederico e Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Oliveira Sales

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Reinaldo Guedes Machado

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

Frederico Flósculo Pinheiro Barreto

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

Jaime Gonçalves de Almeida

EDITORA



UnB